

Bresser recebe apoio até de ministro japonês

O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, começou ontem a receber o tão esperado apoio de políticos e empresários a sua proposta de renegociação da dívida externa, e com um sabor especial: até o ministro das Finanças do Japão (um dos maiores credores brasileiros), Kiichi Miyazawa, manifestou-se "atraído" pela proposta de conversão de parte da dívida em bônus e títulos. A mesma proposta foi parcialmente rejeitada pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, no encontro que Bresser Pereira manteve com ele na terça-feira da semana passada, em Washington.

Foi o dia mais feliz do ministro da Fazenda desde o início dos boatos de sua demissão, surgidos logo após o seu encontro com James Baker, após a divulgação de notas em Brasília e Washington, dando versões diferentes da conversa que retratavam o ponto de vista de cada um dos dois países.

Boas notícias

As boas notícias começaram cedo. Logo de manhã, o porta-voz do Ministério da Fazenda, jornalista Francisco Baker, levou ao ministro um exemplar da **Gazeta Mercantil** que estampava na primeira página uma manchete sobre a entrevista com o ministro japonês. Nesta entrevista, Miyazawa coloca até em dúvida a capacidade dos Estados Unidos de encaminhareм o processo de negociação e sugere que o Japão poderá assumir este papel.

Ainda de manhã, o ministro pôde ler nos jornais a manifestação de apoio a sua proposta, feita na véspera no plenário da Constituinte pelo líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique (SC). E posteriormente recebeu o apoio dos nove membros da Comissão da Dívida Externa do Senado, capitaneados pelo seu presidente e líder do PFL, senador Carlos Chiarelli (RS), e por seu relator e líder do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso, (SP). No entanto, o apoio dos senadores não foi incondicional. Eles querem ter conhecimento prévio da proposta oficial de renegociação que o Governo brasileiro encaminhará ao comitê assessor dos bancos credores privados no próximo dia 25, em Nova Iorque. Para isso foi marcada uma reunião a portas fechadas na próxima segunda-feira, às 10h30, no Senado.

Solução forte

Ao deixar o gabinete do ministro, o senador Fernando Henrique Cardoso disse que não quer um "remendo" para o problema da dívida. "Queremos uma solução forte que permita ao Brasil crescer". Dentro desta filosofia, ele até aceita uma política de contenção dos gastos públicos, desde que mantido o crescimento.

O Senador disse que a dívida precisa ser renegociada no longo prazo, porque "condiciona tudo o mais". E exortou a população a apoiar a proposta. "Nós, como brasileiros, precisamos insistir nos nossos interesses e não fazer eco aos lobbies de outros países", afirmou.

Empresários

Ontem à tarde, o presidente da Associação Brasileira dos Distribuidores de Veículos Automotores (Abrave), José Carlos Gomes de Carvalho, acompanhado dos presidentes de oito das dezoito associações de marcas de veículos existentes no País, foi manifestar ao ministro Bresser Pereira sua "posição de apoio a esta solução não-ortodoxa, que precisa do apoio de toda a sociedade brasileira". Segundo Carvalho, "a Abrave dá seu aval à proposta". Ele disse acreditar que outras categorias empresariais farão o mesmo.

Carvalho justificou seu apoio: "A proposta é viável, de quem quer pagar. Se fosse para dar o calote, não haveria proposta nenhuma", afirmou. O senador Raimundo Lira (PMDB-PB), membro da Comissão da Dívida Externa, que acompanhou o grupo, disse que "as posições do Brasil foram um pouco distorcidas pela imprensa dos Estados Unidos, e foi ela que foi transmitida pela imprensa brasileira".

O próprio ministro não escondia sua euforia ao deixar o Ministério às 13h30 em direção ao Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), vinculado ao Ministério, onde almoçou. Pela primeira vez, depois de muito tempo, ele se deteve na portaria de entrada para seu gabinete e conversou durante dez minutos com a imprensa.

Para Bresser Pereira, o ministro das Finanças do Japão reconheceu um fato concreto: que Brasil, Argentina e Filipinas não conseguirão pagar sua dívida pela forma convencional. "Foi uma manifestação importante. O ministro reconheceu

que a dívida é um problema que vem se tornando cada vez mais grave. A situação dos países endividados vem piorando nos últimos dois anos", afirmou.

EUA incapazes

O ministro tirou outra lição da entrevista de Miyazawa. Segundo ele, o ministro japonês reconheceu que o governo dos Estados Unidos não está sendo capaz de encaminhar uma solução para a dívida. Bresser acha que o Japão está inclusive aventando a possibilidade de tomar a si esta responsabilidade.

Finalmente, o ministro entendeu que o Kiichi Miyazawa apoiou a proposta dos bônus e das taxas fixas de juros. Ele disse que "é importante que o problema da dívida seja encarado como sendo de todo o sistema financeiro internacional, porque afasta os devedores de sistema".

O ministro manifestou satisfação com o apoio recebido de manhã pelos membros da Comissão da Dívida. "O encontro foi excelente. Recebi apoio muito importante. A posição brasileira é equilibrada, mas firme. É fundamental o apoio da sociedade: dos empresários, banqueiros, trabalhadores, da classe média e da população em geral", afirmou. Ele lembrou que a dívida continua crescendo em vez de diminuir. Pregou uma solução objetiva e corajosa, afirmando que caso contrário o problema não terá solução.

Exagero

Bresser Pereira disse que houve exagero da imprensa brasileira ao qualificar de fracasso o seu encontro com os membros do Tesouro. Acha que a imprensa estava mal informada sobre os fatos.

Ainda, segundo ele a nota emitida na terça-feira da semana passada pelo secretário do Tesouro não refletiu o clima do encontro, qualificado por ele como "cordial". Para Bresser, a nota criou um mal-entendido. E teve como consequência que a imprensa americana se unisse em torno do seu ministro (secretário).

Ele até mostrou compreensão para a posição americana. Afinal de contas — reconheceu — a proposta tinha um fato novo. "Pela primeira vez um país devedor colocou uma alternativa de longo prazo para a dívida". Além disso, segundo ele, os bancos privados americanos acharam que com a proposta poderiam perder o controle da situação.